



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Aracaju – SE, Ano 32, Edição 1689
24 a 30 de agosto de 2015

ANJ

www.cinform.com.br

CINFORM

WhatsApp: (79) 9647-3370
E-mail: ouvidoria@cinform.com.br

SEGURANÇA PÚBLICA CADERNO 1 | 17

MEDO

Testemunha de crime teme pela própria vida

“O tempo passa, mas eu nunca vou esquecer o que eu vi. Eu não conhecia David, mas estava passando com meu filho pelo local na hora errada e vimos tudo”, diz testemunha que também afirma não receber amparo do poder público

■ Testemunha principal da defesa do caso de David Philip Motta Santos, 17 anos, morto por um policial em março do ano passado, passa mal no Fórum de Socorro, no último dia 18, quando foi ouvida pelo Ministério Público Estadual. Ela, que não quis ser identificada, teme pela própria vida, pois a primeira testemunha do caso, o Leonardo Rodrigues do Nascimento, conhecido como “Leozinho”, foi executado seis meses depois do crime. “O tempo passa, mas eu nunca vou esquecer o que eu vi”, diz a testemunha, emocionada e aos prantos.

“Eu não conhecia David, mas estava passando com meu filho pelo local na hora errada e vimos tudo. Meu filho, que tinha cinco anos na época, ficou traumatizado. Quando brinca, ele sempre repete a frase que ouviu o policial dizer a David: era você mesmo que eu estava procurando. E, quando vê um policial, ele tem medo”, afirma a testemunha, ao informar que não está recebendo ne-



Família de jovem assassinado faz protesto na porta do Fórum, pedindo Justiça

hum tipo de apoio do poder público. “Alguns dias após o crime, recebi visitas de assistentes sociais e acho que de uma psicóloga. Mas, depois, nunca mais apareceram. Eu e meu filho não estamos sendo amparados pela Justiça”, diz.

Para a representante do Movimento Nacional dos Direitos Humanos, Lídia Anjos, que vem acompanhando o caso desde o início, a falta de proteção das vítimas é algo lamentável. “Encaminhamos um pedido oficial de proteção ao Leonardo ao governador do Estado e, também, ao secretário de Segurança Pública, que, na época, era João Eloy. Infelizmente, esse jovem, que era uma das principais testemunhas, foi assassinado de forma brusca”, informa, ao acrescentar que a execução de Leozinho, é no mínimo, estranha.

DEFESA

“Ele teve a boca arrancada e o corpo todo queimado. Se a gente não pode afirmar que tem a ver com o fato, acha estranho que durante um processo que não terminou ainda uma das testemunhas para qual tinha sido pedido proteção, tenha sido assassinada e sua boca arrancada”, explica. No caso de David Philip, Lídia Anjos espera que Justiça seja feita. “Desde quando aconteceu o crime, todo clamor da comunidade, para defender um jovem, é algo que de certa forma precisa também ser avaliado. Por que que uma comunidade inteira se comove diante de um jovem que recebeu tiros de um policial? Esperamos que realmente a Justiça seja feita e que aqueles que se excederam na ação sejam investigados, culpados e punidos por mais um jovem

ter tido sua vida ceifada de forma brusca”, lamenta.

O advogado de defesa e acusação do caso de David Philip, Thiago Oliveira, saiu satisfeito da audiência. “A Justiça ouviu praticamente todas as testemunhas de acusação, elas estão corroborando com a tese da defesa e acusação de que de fato houve um homicídio e que não havia nenhuma arma no local do crime que justificasse uma suposta intervenção da polícia da forma como aconteceu. Todos afirmaram que David não estava armado e que foi um ato de execução praticado pelo policial”, informa. Thiago Oliveira também se pronunciou quanto ao assassinato de Leonardo.

“A testemunha foi assassinada e a gente espera que a polícia dê uma resposta, como deu para esse caso, abriu um inquérito e viu que um está sendo proces-



Audiência que apura homicídio de David Philip Motta Santos

sado por homicídio e os outros dois por tentativa de fraude ao processo. Então esperamos que nesse caso de Leonardo, que levou sua preocupação para as autoridades, inclusive, relatando que temia por sua própria morte, e foi o que aconteceu. Espero que tenha investigação e respostas. Estamos cobrando do Estado investigação rápida e célere que possa dar resposta para a sociedade.

DEFESA DOS POLICIAIS

No dia 7 de outubro haverá nova audiência para a ouvir as testemunhas de defesa dos policiais e outra testemunha de acusação. Rodrigo Campos, advogado de defesa do tenente Jamisson, denunciado pela prática do homicídio, informa que não houve novidades nessa última audiência. “O que foi apresentado pelas testemunhas é o que já estava nos autos do inquérito. Só foram ouvidas as testemunhas gerais de acusação, então foi uma audiência dentro do que nós esperávamos”, diz. A tese de Rodrigo Campos é de que o tenente Jamisson agiu em legítima defesa.

“Haja vista que tem testemunhas, que presenciaram o momento do fato e que atestam veementemente que os menores estavam portando arma, inclusive, que tinham puxado em direção da viatura ostensiva da polícia para efetuar disparo. Então, o tenente Jamisson efetuou um disparo contra esse menor, para cessar a agressão, tanto que foi um único disparo.

Cessada a agressão, cessou a defesa”, informa.

Segundo ele, o inquérito policial militar atesta que a conduta do tenente Jamisson foi albergada pela tese de legítima defesa. “O fato de supostamente terem implantado, ou não, a arma, não quer dizer exatamente que isso aconteceu até porque o princípio que vigora na nossa lei é o da presunção de inocência. Se até o momento não há prova da culpabilidade deles, então são inocentes”, afirma o advogado, referindo-se aos dois policiais acusados de fraudarem o processo, implantado uma arma no local do crime.

RELEMBRE O CASO

David Philip foi alvejado na cabeça, quando estava em cima de uma moto junto com Leonardo Rodrigues do Nascimento, conhecido como “Leozinho”, no Parque dos Faróis, em Socorro, logo após deixar a loja da mãe, onde trabalhava, em março do ano passado. A informação é de que um policial da Radiopatrulha abordou o garoto e deu voz de prisão, mas David reagiu e apontou uma arma para os PMs. Com isso, o 1º tenente, Jamisson dos Santos, efetuou o disparo contra o adolescente a quem estava vestindo uma roupa. Dois policiais que estavam junto com Jamisson são suspeitos de introduzirem a arma que estaria na posse de David Philip no local do crime. São eles o cabo Saulo Farias Santos Silva e o soldado Bruno do Nascimento. ■